

# Qualidade da formação superior na área da saúde: um estudo de caso na Universidade de Aveiro

**Constança Mendonça**

E-mail: [constanca@ua.pt](mailto:constanca@ua.pt)

(LAQE-CIDTFF – Departamento de Educação da Universidade de Aveiro),

**Isabel Huet**

E-mail: [huet@ua.pt](mailto:huet@ua.pt)

(LAQE-CIDTFF – Departamento de Educação da Universidade de Aveiro)

**Mariana Gaio Alves**

E-mail: [mga@fct.unl.pt](mailto:mga@fct.unl.pt)

(UIED e DCSA - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova Lisboa)

## **Resumo:**

A preocupação generalizada com os percursos profissionais e de emprego dos licenciados, face à atual imprevisibilidade do valor de um diploma de Ensino Superior, tem incitado as Instituições do Ensino Superior a promover uma formação orientada para o desenvolvimento de competências dos seus diplomados.

Estudar a adequabilidade da formação adquirida pelos diplomados na área da saúde da Universidade de Aveiro às necessidades do mercado de trabalho é o objetivo que temos vindo a prosseguir, através da auscultação dos licenciados, empregadores e docentes da Escola em causa.

Neste trabalho apresentamos os resultados parcelares da investigação em marcha, mais concretamente a visão dos diretores de curso de cada uma das licenciaturas ministradas pela Escola (enfermagem, fisioterapia, radiologia, terapia da fala e gerontologia) e dos dois docentes que a dirigiram desde a sua criação, em 2001, quanto à empregabilidade e à qualidade da formação ministrada para o adequado desempenho profissional dos seus diplomados.

Os primeiros resultados extraídos deste conjunto de entrevistas exploratórias indicam que o modelo de formação adotado desde o princípio pela Escola promove, para além das competências técnicas específicas de cada profissão, o desenvolvimento de um conjunto de competências genéricas, das quais se destacam as interpessoais, as tecnológicas e de trabalho colaborativo, percecionadas como favorecedoras da empregabilidade e adequadas ao exercício competente de qualquer profissional de saúde.

**Palavras-chave:** Competências; Empregabilidade; Ensino Superior; Saúde.

---

## 1. Que formação para o emprego?

A partir dos anos 70 do século XX, o aumento das dificuldades dos jovens diplomados em encontrar emprego e as necessidades de planificação e gestão do sistema educativo em articulação com as alterações cada vez mais rápidas do sistema produtivo, contribuíram para a crescente visibilidade social e científica das relações problemáticas entre educação e trabalho/emprego (Alves, 2007). A esta nova realidade veio ainda juntar-se a criação do espaço europeu de ensino superior e o aumento da competitividade internacional, enquanto novidades que motivaram o despertar para novas exigências e fizeram reequacionar a definição da missão da Universidade.

Se é certo que às universidades compete a responsabilidade de proporcionar uma educação para a cidadania e uma preparação sólida para a vida nas suas mais variadas vertentes que não apenas as da formação para o emprego, parece ser hoje consensual que um percurso académico atento ao evoluir das necessidades da atual sociedade da informação e do conhecimento e orientado para os reais interesses dos empregadores, facilita a integração na vida profissional e a manutenção dos postos de trabalho (Gonçalves *et. al*, 2006; Santos, 2001; Moreira, s/d; e Rebelo & Cândido, 2003).

Estes autores evidenciam a necessidade de as universidades desenvolverem programas de estudo que combinem qualidade académica com fatores de empregabilidade duradoura, através de um perfil de competências que ultrapasse as profissionais específicas, orientadas para uma produtividade imediata, e consiga munir os diplomados de competências favorecedoras do exercício de funções distintas ao longo da sua vida profissional.

Santos (2001) lembra que, de acordo com as considerações da Comissão Europeia, tecidas no Livro Branco sobre Educação e Formação, a formação mais adequada ao emprego é constituída por três ingredientes principais: (i) um conhecimento básico, que deve refletir um bom equilíbrio entre a aquisição de conhecimentos e de capacidades metodológicas que permitam, uns e outros, a autoaprendizagem; (ii) conhecimento técnico relacionado com uma ocupação específica e (iii) aptidões sociais relativas a competências interpessoais, onde se incluem a capacidade para cooperar e trabalhar em equipa, a criatividade e a busca da qualidade.

## 2. O despertar para a adequação de saberes para o emprego

Silva (2008) situa o despertar da preocupação das IES com o desenvolvimento de competências genéricas, associando-o tanto ao crescente número de alunos e suas consequentes dificuldades com a transição para o mundo do trabalho, como também à identificação de lacunas na formação dos estudantes para o emprego. Este autor reporta estudos levados a cabo por Assiter (1995), no Reino Unido, onde os empregadores já identificavam lacunas nos seus trabalhadores no que diz respeito a competências como apresentação oral, comunicação escrita, numeracia e habilidades relacionadas com as tecnologias de informação e comunicação.

Na verdade, alguns estudos com diplomados e empregadores indicam existir desfazamentos entre as competências que os licenciados adquirem em contexto de formação académica e as que o mercado vem valorizando. Stiwne & Alves (2010) baseiam-se nos resultados obtidos através dos inquéritos realizados pelas IES sobre o grau de satisfação dos diplomados com o seu percurso académico, para revelar que os diplomados se manifestam satisfeitos com a formação científica e pedagógica adquirida mas criticam a falta de relação/adequação entre os conteúdos aprendidos e os requeridos pelo mercado de trabalho. Na investigação que levou a cabo com diplomados do Instituto Politécnico de Beja, Saúde (2010) sublinha igualmente este desajustamento entre as visões de empregadores e diplomados e a visão dos responsáveis pela formação quanto ao que consideram ser competências fundamentais para o adequado desempenho profissional.

Este mesmo problema é, também, evidenciado por Frazão (2005) quando analisa, num nível de escolaridade não superior, uma escola profissional da zona de Lisboa. Este autor conclui ser visivelmente fraca ou mesmo ausente a cooperação entre o sistema educativo e o mercado laboral, referindo que é frequente notar-se “uma inadequação das competências adquiridas no meio escolar ao exercício e desempenho das funções e atividades requeridas para um adequado desempenho profissional” (Frazão, 2005, p: 25) Com base nestas conclusões, Figueira (2005), no prefácio do livro que apresenta este estudo de Lourenço Frazão, refere considerar fundamental delinearem-se e implementarem-se políticas e estratégias que promovam não só a cooperação entre o setor privado empresarial e o sistema educativo, mas também que levem as escolas a preocupar-se mais com a adequação do currículo e atividades extraescolares às competências requeridas por cada área profissional, assim como com a aquisição de

competências de natureza transversal por parte dos jovens. No seu entender é ainda fundamental que durante a formação escolar existam diversos contactos dos jovens com a realidade social, profissional e empresarial, através de estágios de curta-duração, e que o período de transição para a vida ativa (estágio profissional) seja acompanhado com formação específica e orientação profissional.

Storen & Aamodt (2010) suportam-se nos resultados de um inquérito realizado a diplomados de 13 países europeus para demonstrar a importância de uma formação académica orientada para o desempenho eficaz das várias tarefas exigidas no dia a dia profissional, concluindo que as características dos programas curriculares, embora não tenham grande influência na obtenção de emprego, têm um forte impacto no adequado desempenho profissional, tendendo a ser valorizadas pelos empregadores.

---

### **3. Competências para o exercício profissional na área da saúde**

Centrando-se o nosso estudo especificamente na área da saúde, e tendo em conta que nos interessa explorar as articulações entre a formação ministrada no ES e o desenvolvimento de competências pelos estudantes perspetivando o modo como tais competências se adequam ao perfil identificado como relevante para o exercício da atividade profissional no mercado de trabalho, entendemos pertinente equacionar o conjunto de competências que os licenciados na área das ciências e tecnologias da saúde devem desenvolver ao longo da sua formação superior para favorecer a sua empregabilidade e exercer com qualidade a sua profissão.

Lopes<sup>1</sup> (2004), considerando que se trata de profissionais que no seu quotidiano trabalham em equipas multidisciplinares (médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, técnicos de radiologia, terapeutas da fala, etc.) em diferentes contextos, enuncia por exemplo: i) a necessidade de compreender as responsabilidades legais e éticas da prática profissional; ii) o reconhecimento dos limites de prática profissional e capacidade de fazer encaminhamentos quando necessário; iii) a comunicação eficaz com os pacientes, acompanhantes, membros da equipa e outras pessoas relevantes para prestação de cuidados de saúde; iv) a colaboração com outros profissionais de saúde de modo a maximizar os resultados de saúde; v) o acompanhamento e avaliação da eficácia contínua da atividade planeada; vi) a capacidade de interagir com a tecnologia,

especialmente a utilização efetiva e eficiente das tecnologias de informação e comunicação, entre outras.

---

## 4. Estudo empírico e metodologia de investigação

A presente comunicação surge no âmbito de um estudo mais alargado sobre a adequabilidade da formação adquirida pelos diplomados na área da saúde da Universidade de Aveiro às necessidades do mercado de trabalho. Mais do que conhecer a empregabilidade destas formações, a nossa investigação visa identificar e confrontar as competências específicas e genéricas desenvolvidas em contexto académico com as exigidas pelo mercado de trabalho para um adequado desempenho profissional, mas pretende ainda aferir o papel que diplomados, empregadores e docentes podem desempenhar em todo um processo de (re)orientação da formação académica ministrada.

A pesquisa empírica desenvolve-se a partir do estudo do caso da ESSUA<sup>2</sup> e pretende dar resposta à seguinte pergunta de partida: “A formação adquirida pelos diplomados vai ao encontro das efetivas competências exigidas pelo mercado de trabalho?”

Mais especificamente pretendemos responder às seguintes questões: (i) Que competências específicas e genéricas<sup>3</sup> devem os licenciados adquirir ao longo da sua formação superior para ir ao encontro das mais requeridas para as suas práticas profissionais e singrar no mercado de trabalho? (ii) Serão os próprios diplomados, já no exercício diário das suas profissões, capazes de identificar as competências mais necessárias a um adequado desempenho profissional? (iii) E os empregadores? Saberão, de igual modo, identificar as competências indispensáveis a um eficaz exercício profissional e apontar eventuais lacunas à qualidade da formação adquirida pelos licenciados em contexto académico? (iv) Estará a ESSUA interessada em ouvir regularmente e seguir as recomendações emanadas pelas ordens e associações profissionais, pelos seus antigos alunos e pelos empregadores? (v) A Escola dará atenção às constantes inovações tecnológicas características da área e estará preocupada em acompanhar e refletir, na formação que ministra, as novas tendências?

A tentativa de encontrar resposta a todas estas questões orientadoras do estudo será por nós levada a cabo através da auscultação daqueles que entendemos serem os verdadeiros protagonistas em todo este processo: os 609 diplomados dos cinco cursos da ESSUA, entre os anos letivos 2004/2005 e 2008/2009<sup>4</sup>, uma seleção dos seus empregadores

(representativa das diferentes entidades empregadoras) e os oito docentes da Escola em causa, isto é: os diretores da Escola e os diretores de curso das cinco licenciaturas.

A metodologia adotada para este estudo de cariz interpretativo, recorrendo a técnicas de análise de dados qualitativos e quantitativos, levou-nos a encetar o nosso processo investigativo com a realização de entrevistas exploratórias<sup>5</sup> a este último grupo de participantes. As entrevistas<sup>6</sup> decorreram nas instalações da Escola, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2012, tendo sido gravadas em áudio, transcritas na íntegra e validadas pelos entrevistados. Da análise de conteúdo realizada às oito entrevistas emergiram seis categorias, vinte e um temas e dois subtemas.

Nesta comunicação centramo-nos apenas na visão deste grupo de informantes sobre o contributo da formação académica para o adequado desempenho profissional e sobre a sua perceção acerca da empregabilidade<sup>7</sup> das cinco licenciaturas, apresentando os primeiros resultados da investigação em curso.

---

## **5. Da formação ao trabalho: o valor das competências**

A perceção dos nossos informantes acerca da relevância de uma formação superior orientada para o desenvolvimento de um conjunto de competências favorecedoras da empregabilidade vai ao encontro da expressa por estudiosos da temática (Alves, 2008; Andrews & Higson, 2008; Silva, 2008; Stiwnne & Alves, 2010; Teichler, 2002; Torres, 2008; Vaatstra & De Vries, 2007). Combinar conhecimentos teóricos e procedimentos próprios de cada profissão (o saber profissional, saber-fazer) com outras capacidades e atitudes (saber-estar e saber-ser) parece ser uma receita consensual para potenciar um lugar no mercado de trabalho e sucesso ao longo de um percurso profissional.

Assumindo que há um conjunto de competências que são cada vez mais importantes e que, quer dentro da escola quer nos locais de estágio, são desenvolvidas ao longo da formação académica, os docentes enumeraram mais de duas dezenas de conhecimentos, capacidades e atitudes que agrupámos em 17 áreas de competências. Para a realização deste exercício, socorremo-nos das já referenciadas por autores como Cabral-Cardoso, *et.al*, (2006) e Silva (2008), bem como de um instrumento de validação de competências adaptadas à área da saúde, construído com base no trabalho realizado por Lopes (2004) e outros estudos sobre a qualidade profissional em algumas áreas da saúde propostos pela UA e realizados com recurso ao modelo de Rasch<sup>8</sup>. Este instrumento (inquérito por questionário) está a ser presentemente validado, através do cruzamento da

perceção expressa pelos docentes da Escola alvo do estudo, docentes de outras escolas nacionais e empregadores-tipo das várias profissões.

**Quadro 1 - Áreas de competências desenvolvidas ao longo da formação académica consideradas favorecedoras da empregabilidade**

Áreas de Competências mais referenciadas	Diretor da Escola 1	Diretor da Escola 2	DC de Enfermagem	DC de Fisioterapia	DC de Radiologia 1	DC de Radiologia 2	DC de Terapia da Fala	DC Gerontologia
Competências técnicas	DE1	DE2	DCe	DCf	DCr1	DCr2	DCtf	DCg
Relacionamento interpessoal	DE1	DE2	DCe	DCf	DCr1	DCr2	DCtf	DCg
Trabalho colaborativo	DE1		DCe	DCf	DCr1	DCr2	DCtf	DCg
Tecnologias de informação e comunicação	DE1	DE2	DCe		DCr1	DCr2	DCtf	DCg
Comunicação	DE1	DE2		DCf	DCr1	DCr2	DCtf	
Resolução de problemas		DE2		DCf		DCr2	DCtf	DCg
Autonomia			DCe	DCf	DCr1		DCtf	
Adaptação à mudança	DE1		DCe	DCf			DCtf	
Inovação/criatividade/iniciativa	DE1				DCr1	DCr2	DCtf	
Planeamento-ação			DCe	DCf			DCtf	DCg
Conviver com a multiculturalidade			DCe				DCtf	DCg
Pensamento/espirito crítico			DCe	DCf			DCtf	
Autoconfiança							DCtf	
Saber ouvir		DE2	DCe				DCtf	
Compromisso ético			DCe			DCr2		
Disponibilidade para a aprendizagem contínua			DCe	DCf				
Promoção de ambiente seguro					DCr1	DCr2		
Autocontrolo				DCf			DCtf	

Como ilustra o quadro 1, as mais referenciadas por este grupo de informantes são as competências no domínio do relacionamento interpessoal. É unânime o valor indubitável que assume a vertente humanizada dos cuidados. Ser empático no relacionamento com o utente/cliente e mostrar sensibilidade para compreender os outros, é tanto para a direção da Escola como para todos os diretores de curso indispensável a qualquer profissional de saúde, respondendo a Escola eficazmente a esta necessidade.

De facto, no entender dos docentes, o desenvolvimento destas competências durante todo o percurso formativo resulta não apenas das matérias presentes nos *currícula*, mas deve-se também em muito à formação que decorre do *currículo oculto*, isto é, da proximidade das relações que entre todos se estabelece na Escola (relação muito próxima docente/aluno) e ultrapassa os muros da instituição estendendo-se aos locais de estágio. “O aluno da ESSUA não é despejado no local de estágio”, explica o primeiro Diretor da Escola. Ou, como sublinha a Diretora de Curso de enfermagem (DCe)

“Costumamos dizer que não podemos formar alunos para cuidar de pessoas quando eles próprios não se sentiram cuidados durante o curso. (...) Estou convencida que esta proximidade transforma os nossos alunos em pessoas diferentes. (...) Os profissionais de saúde com que contactamos dizem-nos muitas vezes: *Não sei o que eles têm de diferente, mas que têm, têm.*”

Também o trabalho em equipa multidisciplinar para maximizar os ganhos em saúde é extremamente valorizado pelos informantes, sendo salientado por sete dos oito entrevistados. O desenvolvimento destas competências na área do trabalho colaborativo foi uma preocupação sempre presente. O 1º Diretor da Escola afirma:

“Preocupámo-nos muito com o trabalho em equipa multidisciplinar, o que se traduziu no facto de termos disciplinas comuns aos diferentes cursos. Se na escola os alunos de diferentes formações estavam lado a lado, na vida profissional estariam lado a lado.”

Por sua vez, o Diretor de Curso de fisioterapia (DCf) destaca:

“Sendo nós a 1ª Escola Superior de Saúde, acreditámos desde o início numa formação multidisciplinar. A meu ver, os profissionais de saúde só podem exercer em conjunto se forem preparados em conjunto. (...) A formação conjunta de profissionais das várias áreas é uma mais-valia para o exercício de forma integrada em equipas multidisciplinares.”

A utilização eficiente de computadores e o domínio de *softwares* e instrumentação própria da profissão são igualmente competências na área das tecnologias da informação e comunicação salientadas pela esmagadora maioria dos informantes. Mais, a aposta na componente tecnológica, transversal aos vários cursos, é vista por sete dos oito docentes ouvidos, como uma significativa mais-valia da formação promovida pela Escola, até porque facilita o desenvolvimento de competências que permitem aos diplomados ir mais além da tradicional formação orientada para a prestação de cuidados de saúde, abrindo o leque de saídas profissionais para o exercício de funções afins à sua formação e pouco óbvias à partida, como é exemplo a integração em empresas ligadas ao desenvolvimento de *software* para a área da saúde.



Para a atual Diretora de Curso de Radiologia (DCr2), não há dúvidas quanto à importância destas competências:

“Mais do que saber utilizar o equipamento, queremos que eles saibam como funciona porque assim é que conseguem tirar mais partido dele. (...) Eles têm de facto uma ótima formação e saem muito bem preparados especialmente nas áreas de vanguarda, como por exemplo: a ressonância magnética. Duvido que exista outra escola que dê uma formação tão boa nestas áreas.”

O *know-how* tecnológico que ganham durante a sua formação académica é ainda destacado pela Diretora de Curso de terapia da fala (DCtf)

“Os nossos alunos saem da Escola a saber usar e programar *software* para análise de produção de fala e de voz. São mais do que terapeutas da fala, são capazes de resolver problemas relacionados com o uso de instrumentação para a nossa profissão.”

Seis informantes consideram que a formação favorece o desenvolvimento de competências no domínio da comunicação, apontando a importância de se adequar a forma de comunicar ao interlocutor (utentes, seus familiares, grupo/comunidade), assim como de comunicar com os outros elementos da equipa multidisciplinar as informações pertinentes para a compreensão da pessoa/situação na sua globalidade, e cinco docentes mencionam as competências desenvolvidas na área de resolução de problemas. As relacionadas com os domínios da autonomia, adaptação à mudança, inovação/criatividade/iniciativa, e planeamento-ação são consideradas por metade dos informantes. Dos oito, três referiram a atenção dada ao convívio com a multiculturalidade, entendendo que a formação capacita os diplomados para o exercício da profissão sem discriminar o utente/cliente e com respeito tanto pelas suas diferenças culturais, religiosas e de raça, como pelos seus direitos e necessidades especiais. Ainda no entender de três docentes, a utilização da reflexão e da autocritica para a melhoria do desempenho profissional (pensamento crítico), e o saber ouvir o utente, familiar/acompanhante de forma a reunir todos os elementos necessários a um adequado diagnóstico, são competências relevantes para o exercício da profissão e também promovidas ao longo da formação académica.

Ainda que referidas por menos docentes, a análise de conteúdo às entrevistas permitiu identificar como relevantes e desenvolvidas com um acentuado contributo da formação académica outras competências relacionadas com cinco áreas: promoção do ambiente seguro, compromisso ético, autoconfiança, disponibilidade para a aprendizagem contínua e autocontrolo.

---

## 6. Perceções sobre o pós diploma

A qualidade da formação ministrada pela Escola reflete-se também através da perceção dos docentes sobre a empregabilidade dos vários cursos e *feedback* colhido, sem regularidade e informalmente, junto de antigos alunos e empregadores, mas sobretudo conhecido por via do contacto permanente com os docentes da Escola que, no terreno, continuam a exercer a sua atividade profissional e pelos contactos regulares com os supervisores dos ensinos clínicos.

A visão dos nossos informantes permite deduzir que os cursos não são todos iguais e não têm todos a mesma empregabilidade. Existe a perceção de que os 1ºos diplomados pela Escola têm na sua maioria um posto de trabalho, mas nem sempre o vínculo à instituição empregadora está garantido. Os hospitais e centros de saúde são os principais empregadores, mas muitos licenciados estão a exercer em IPSS, lares, centros de apoio domiciliário, escolas, câmaras municipais ou nos seus próprios gabinetes, caso principalmente dos fisioterapeutas e terapeutas da fala.

Uma já significativa parte dos diplomados segue uma carreira menos óbvia à partida, mas em área relacionada com o curso, muito graças à vertente tecnológica adquirida ao longo da sua formação. Trabalham em empresas principalmente ligadas ao desenvolvimento de *software* para aplicação no domínio da saúde, o que é visto como uma vantagem para os diplomados da ESSUA quando comparados com os colegas que saem de outras escolas do país.

Na maioria das áreas parece começar a haver emigração. Inglaterra, Espanha e França são os principais destinos dos diplomados que consideram trabalhar fora de portas. Fazer as malas e partir para o estrangeiro parece cada vez mais ser a opção para fazer frente à crescente dificuldade de ingresso no mercado de trabalho nacional.

“Temos antigos alunos a trabalhar em Espanha, na Suíça e em Inglaterra e temos pedidos constantes destes mercados. Portanto, lá fora não faltam oportunidades

para as áreas da tecnologia da saúde e enfermagem”, considera o primeiro Diretor da Escola.

Há a percepção de que Gerontologia é o curso com maiores dificuldades de empregabilidade, embora o desempenho dos gerontólogos seja reconhecido pelas entidades empregadoras e os colocados mantenham o seu posto de trabalho. “Não se lhes dá oportunidade de mostrarem o que valem (...) esbarram no corporativismo”, avalia o primeiro Diretor da Escola. Ou, diz o atual: “Temos a convicção de que o emprego não abunda por esses lados, mas não temos números.” Ou ainda: “Há casos específicos de sucesso entre os primeiros licenciados. As pessoas vêm dizer-nos que a formação deles é boa e é verdade, mas a inserção destes diplomados não é fácil.”, admite o Diretor de Curso de gerontologia (DCg) que adianta o empenho da Escola em perceber o motivo real desta dificuldade.

Ao contrário, os entrevistados estão convictos de que a esmagadora maioria dos licenciados do currículo pré-Bolonha em enfermagem, terapia da fala, fisioterapia e radiologia estão integrados no mercado de trabalho, embora alguns sem vínculo (sobretudo entre os diplomados de enfermagem e radiologia), e outros em *part-time* (como no caso da terapia da fala). De destacar ainda a ideia partilhada pelos entrevistados de que os licenciados pela Escola adquiriram uma formação que vai mais além do que é exigido pelas suas respetivas profissões, o que lhes permite trabalhar em áreas afins à sua formação “Neste momento temos seis dos nossos licenciados em radiologia a trabalhar na Siemens” exemplifica o atual Diretor.

A análise de conteúdo às entrevistas permite ainda extrair dados relativamente à qualidade do desempenho profissional dos diplomados. Os oito informantes deram conta de que a Escola e os docentes vão tendo algum *feedback* informal positivo dos empregadores nacionais e excelente dos estrangeiros, sendo que em alguns casos contactam a Escola para que lhes sejam indicados novos diplomados.

Os empregadores destacam as suas competências de relacionamento interpessoal, a sua capacidade reflexiva, organização, autonomia e o conhecimento em áreas afins à profissão, o que os distingue dos colegas formados pelas restantes escolas do país.

De notar ainda que alguns dos entrevistados reconhecem poder existir uma ou outra fragilidade à formação ministrada, até pela diversidade de funções que estes profissionais podem desempenhar e pelas diferentes características das instituições empregadoras serviços/hospitais/empresas. Quando são apontadas, imediatamente se

tentam colmatar, através da abordagem das temáticas indicadas nas Unidades Curriculares (UC).

---

## 7. Nota Conclusiva

A perceção dos responsáveis máximos pela formação ministrada pela ESSUA, permite-nos concluir que a licenciatura em enfermagem e as licenciaturas bi-etápicas em fisioterapia, radiologia, terapia da fala e gerontologia seguiram um modelo de formação que combina formação teórica com prática e aposta nas questões das relações interpessoais, trabalho colaborativo e tecnologias. Este modelo de ensino é visto como favorecedor da qualidade da formação ministrada e capaz de conferir a todos estes licenciados as competências consideradas essenciais para uma excelente integração em equipas multidisciplinares e exercício adequado das respetivas profissões. De destacar também o entendimento dos docentes sobre a aparente existência de um ajustamento entre a formação ministrada e aquela que é *exigida* pelos empregadores ao nível da importância do desenvolvimento de competências no domínio do relacionamento interpessoal, autonomia, capacidade reflexiva e conhecimentos genéricos em áreas afins à profissão.

Indo ao encontro do que defendem vários autores (Cabral-Cardoso, *et.al*, 2006; Frazão, 2005, Hernández-March, *et. al*, 2009, Silva, 2008; Teichler, 2002; Vaatstra, & Vries, 2007; González & Wagenaar, 2003; Stiwne & Alves, 2010) sobre o que no entender de diplomados e empregadores facilita a empregabilidade e valoriza a qualidade do desempenho profissional, o nosso grupo de informantes confirma a imprescindibilidade dos conhecimentos científicos e domínio das técnicas próprias de cada profissão (competências específicas), mas assegura a importância de se combinarem estes saberes com um conjunto de atitudes, habilidades e capacidades de cariz mais genérico. Tratando-se de formações na área das ciências e tecnologias da saúde são as competências<sup>8</sup> interpessoais (relacionamento interpessoal, trabalho colaborativo, convívio com a multiculturalidade, compromisso ético, pensamento/espírito crítico, comunicação, saber ouvir e autocontrolo), as instrumentais (tecnologias da informação e comunicação, resolução de problemas, promoção de ambiente seguro; autoconfiança), e as sistémicas (autonomia, adaptação à mudança, inovação/criatividade/iniciativa, disponibilidade para a aprendizagem contínua e planeamento-ação) as percecionadas

como desenvolvidas ao longo de toda a formação académica e as mais relevantes para uma boa prestação profissional.

Embora não disponham de dados quantitativos que confirmem ou contrariem a sua visão, os nossos informantes estão convencidos que a maioria dos primeiros licenciados está integrada no mercado de trabalho e que o seu desempenho é bem visto pelas diferentes entidades empregadoras.

Em fase posterior do estudo, estes primeiros resultados serão por nós confrontados com os dados adquiridos através da auscultação dos dois outros grupos de análise: os diplomados e os seus empregadores. Para além da taxa de emprego de cada um dos cursos, será interessante saber onde trabalham estes diplomados, perceber o tempo que decorre entre o terminus do curso e o 1º emprego, o tipo de vínculo contratual com a entidade empregadora e a média do vencimento auferido. É ainda evidente a importância de percebermos se os diplomados se sentem competentes para os seus respetivos desempenhos profissionais, que competências mais valorizam e que fragilidades apontam à sua formação académica; dados que serão igualmente recolhidos junto de uma seleção dos empregadores para se aferir a coincidência de perceções entre os três grandes grupos de análise e dar resposta a todas as questões orientadoras do estudo.

## Bibliografia

- Alves, Mariana. G. (2007). *A inserção profissional de diplomados de ensino superior numa perspetiva educativa: o caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia
- Alves, Natália. (2008). *Juventudes e inserção profissional*. Lisboa: Educa.
- Frazão, Lourenço. (2005). *Da escola ao mundo do trabalho: competências e inserção sócio-profissional*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular
- Quivy, R., & Campenhout, V. L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5º ed.). Lisboa: Gradiva.
- Cabral-Cardoso, C., Estêvão, C.V., e Silva, P. (2006) - *As competências transversais dos diplomados do ensino superior: perspetiva dos empregadores e dos diplomados*. Guimarães: TecMinho
- González, J.; Wagenaar, R. (ed.). (s/d) *Tuning Educational Structures in Europe*. Bilbao: Universidade de Deusto, 2003
- Andrews, J., e Higson, H. (2008). Graduate Employability, 'Soft Skills' Versus 'Hard' Business Knowledge: A European Study'. *Higher Education in Europe*, 33:4, 411 - 422.
- Saúde, S. (2010). Empregabilidade e percursos de inserção profissional – o caso dos diplomados pelo Instituto Politécnico de Beja. Em A.P. Marques e M.G. Alves (eds.), *Inserção profissional de graduados em Portugal. (Re)Configurações teóricas e empíricas*. Ribeirão. Húmus
- Gonçalves, Fernando R., Carreira, Teresa, Valadas, Sandra, & Sequeira, Bernardete. (2006). Percursos de empregabilidade dos licenciados: Perspetivas europeias e nacional. *Análise Psicológica*, 1, 99-114

- Hernández-March, J., Martín del Peso, M., Leguey, Santiago (2009). Graduates Skills and Higher Education: The employers' perspective. *Tertiary Education and Management*, 15: 1,1 – 16. Available from <http://dx.doi.org/10.1080/13583880802699978>
- Rebelo, E. d. L., & Cândido, C. J. (2003). Investigação, inserção profissional e espírito empresarial. *Cadernos de Economia, abril/junho*, 42-45
- Stiwne, E. E., & Alves, Mariana G. (2010). Higher Education and Employability of Graduates: will Bologna make a difference? *European Educational Research Journal*, 9, Number (1) 32-44.
- Støren, L.A & Aamodt, P.O. (2010). The Quality of Higher Education and Employability of Graduates. *Quality in Higher Education*, 16: 3, 297-313
- Teichler, U. (2002). Graduate employment and work in Europe: diverse situations and common perceptions. *Tertiary Education and Management*, 8, 199-216.
- Vaatstra, R., & Vries, R. D. (2007). The effect of the learning environment on competences and training for the workplace according to graduates Higher Education *Springer Science+Business Media B.V.*, 53, 335–357
- Torres, Leonor. L. (2008). Educação e Trabalho: dinâmica da relação entre perfis de formação e perfis profissionais no campo dos recursos humanos. *Paper presented at the VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Retrieved from [www.aps.pt/vicongresso/pdfs/277.pdf](http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/277.pdf)
- Lopes, A.M. F. (2004). *Implementação do Processo de Bolonha a nível nacional, por áreas de conhecimento - Tecnologias da Saúde (Relatório final)*. Retrieved 2 de julho de 2010: <http://www.atarp.pt/pdf/relatoriocoordenadorts.pdf>
- Moreira, A. (s/d). *Sobre a Universidade. Documento de reflexão do CNAVES* Available from [http://www.cnaves.pt/DOCS/sobre\\_universidade.pdf](http://www.cnaves.pt/DOCS/sobre_universidade.pdf)
- Silva, Paulo. (2008). *Competências transversais dos Licenciados e sua Integração no Mercado de Trabalho*. Universidade do Minho, Braga.
- Santos, Sérgio Machado d. (2001). As responsabilidades da Universidade na formação de agentes para o desenvolvimento. In A. Gonçalves, L. Almeida, R. Vasconcelos & S. Caires (Eds.), *Da Universidade para o Mundo do Trabalho: Desafios para um diálogo* (pp. 13-39). Braga: Conselho Académico da Universidade do Minho.

## Notas de rodapé

<sup>1</sup> Enquanto coordenador para a área das tecnologias da saúde da implementação do Processo de Bolonha, a nível nacional, por áreas de conhecimento, António Lopes elaborou um relatório que integra 23 relatórios autónomos produzidos por equipas de trabalho de cada uma das profissões desta área. A definição do perfil de competências dos profissionais de saúde teve como base de referência o modelo de “Benchmarking” da Quality Assurance Agency (QAA), do Reino Unido, visto como vantajoso por começar pela criação de uma base de caracterização do perfil genérico de competências comuns aos profissionais de saúde, a partir do qual se desenvolveram as particularidades e aspetos distintivos de cada profissão.

<sup>2</sup> A Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro (ESSUA) foi criada pelo Decreto-Lei n.º 31/2000, de 13 de março, iniciou as suas atividades letivas no ano letivo 2001/2002 com a licenciatura em Enfermagem e as licenciaturas bietápicas em Fisioterapia e Radiologia. A licenciatura bietápica em Terapia da Fala entrou em funcionamento no ano letivo 2002/2003 e a em Gerontologia no ano letivo 2003/2004.

<sup>3</sup> As competências genéricas podem ser definidas como os conhecimentos, capacidades e atitudes que um indivíduo pode mobilizar para o desempenho de diferentes atividades profissionais

<sup>4</sup> A decisão de auscultarmos os diplomados que concluíram a sua licenciatura bi-etápica nos primeiros cinco anos de funcionamento da Escola deve-se não só ao facto de até ao momento não haver qualquer diplomado Bolonha, com exceção de gerontologia, cuja adequação a Bolonha reduziu para três, o número de anos necessários à obtenção do grau de licenciado, mas à nossa convicção de que esta opção traz consigo uma dupla vantagem: por um lado são estes os diplomados que, por já terem um maior grau de

distanciamento da academia, poderão fazer uma avaliação mais rigorosa e objetiva da formação que adquiriram; por outro lado são estes diplomados que, por já estarem há mais tempo no mercado de trabalho, terão uma visão mais experimentada das verdadeiras competências requeridas no exercício das suas respetivas profissões.

<sup>5</sup> Quivy & Campenhoudt (2008) reportam-se à realização de entrevistas exploratórias como “uma primeira *volta à pista*, antes de pôr em jogo meios mais importantes”

<sup>6</sup> Realizámos nove entrevistas semiestruturadas com recurso a um guião comum, construído à base de perguntas abertas. Foram ouvidos o primeiro diretor da Escola, que a conduziu entre janeiro de 2002 e junho de 2011, o atual diretor e os sete docentes que exerceram funções de diretor de curso nas cinco licenciaturas. Contudo, um dos diretores de curso pediu para não ser identificado, o que nos levou a recolher a sua informação, mas a não analisar o conteúdo da mesma.

<sup>7</sup> Embora o conceito de empregabilidade não tenha sido discutido nas entrevistas, terá sido entendido enquanto sinónimo de os diplomados terem ou não terem conseguido emprego na sua área de formação, como, de resto, é com este significado que o termo é sempre utilizado neste artigo.

<sup>8</sup> Em 2007 foram apresentadas à UA 3 dissertações de mestrado sobre a qualidade profissional dos recém-licenciados em radiologia, gerontologia e enfermagem. Nos 3 estudos é apresentado um instrumento de avaliação da qualidade profissional dos recém-licenciados em cada uma destas áreas da saúde, que se baseia num modelo considerado de grande precisão na medição de variáveis latentes, criado na década de 60 pelo matemático de origem dinamarquesa, Georg Rasch.

<sup>9</sup> Adotamos a abordagem do projeto tuning, que fez emergir as competências genéricas relevantes a desenvolver no âmbito do ES para favorecer a empregabilidade e as classificou em 3 grupos: competências instrumentais (aquelas que têm uma função instrumental), competências interpessoais (aquelas que facilitam os processos de interação social e de cooperação) e competências sistémicas (aquelas que se relacionam com sistemas como um todo. Pressupõem a combinação de compreensão, sensibilidade e saberes que permitem que se perceba como as partes de um todo se relacionam e integram. Exigem a aquisição prévia de competências instrumentais e interpessoais).

## Curriculum Vitae:

**Constança Mendonça** é licenciada em jornalismo, concluiu a parte curricular do programa doutoral em Ciências da Educação, estando a desenvolver o seu trabalho de investigação sobre empregabilidade e adequação da formação superior às necessidades do mercado de trabalho, com bolsa de doutoramento da FCT, no Laboratório de Avaliação da Qualidade do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

**Isabel Huet** é doutorada em Ciências da Educação pela Universidade de Aveiro (UA). É atualmente Investigadora de carreira no Departamento de Educação da UA e coordena a secção do Ensino Superior do Laboratório de Avaliação da Qualidade Educativa do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF). Os seus interesses de investigação prendem-se com a avaliação e qualidade do ensino e aprendizagem dos Cursos de graduação e pós-graduação, avaliação da qualidade da investigação, formação de docentes do Ensino Superior, desenvolvimento curricular e elearning.

**Mariana Gaio Alves** é licenciada em Sociologia pelo ISCTE e Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa. É atualmente Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, sendo membro da Comissão Coordenadora da UIED (Unidade de Investigação Educação e Desenvolvimento) da mesma Faculdade. Os seus atuais interesses de investigação centram-se na aprendizagem ao longo da vida e nas trajetórias estudantis e modelos organizativos no quadro do ensino superior, bem como nas temáticas das relações entre educação e trabalho/emprego e a inserção profissional.

